

4468

Cineastas e governo abraçam projeto de Pólo

PÁGINA 3



C A D E R N O
BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL QUARTA-FEIRA, 6 DE MARÇO DE 1991

PCTR 367

Mitos dinamitados em curso de Educação Sexual

PÁGINA 6

Devastação da História

Novo livro da antropóloga Alcida Ramos revela guerra brasileira que não aparece na CNN

CELSO ARAÚJO

As ameaças ainda chegam pelo ar, por terra, por água. Como se a própria floresta erguesse uma parede de silêncio, continuamos distantes demais da tragédia que se abate, com dragas, mercúrio e máquinas de voar, sobre os Yanomami, o maior grupo indígena das Américas a preservar ainda suas tradições.

Um novo livro escrito pela antropóloga Alcida Rita Ramos professora da Universidade de Brasília recentemente lançado pela Editora Marco Zero vem trazer informações, desfazer mal-entendidos e acrescentar mais dados sobre esse povo que já foi descrito como "violento" e "erótico". Trata-se de *Memórias Sanumá — Espaço e Tempo em uma Sociedade Yanomami*. Alcida Rita Ramos reescreveu sua tese de doutorado, defendida há 16 anos. São raríssimas as informações especializadas sobre os Yanomami em nossa língua. Retomando os diários de campo, as entrevistas, as fotos e fichas de observação, atendo-se ao subgrupo Sanumá, Alcida Rita Ramos garante que "não há uma descrição definitiva e verdadeira de um povo".

Fazer Antropologia no Brasil já é em si um ato político e em sua tese Alcida Rita Ramos trata de levantar vários equívocos que, em nome da atração pelo exótico, ao longo dos anos trataram de confundir mais ainda. Alcida critica abertamente o antropólogo norte-americano Napoleon Chagnon, um "narciso da selva", que fala da "horripilante cultura" Yanomami e os trata como "O povo feroz".

"Os povos indígenas são o exemplo mais dramático de opressão pelo fato de serem diferentes", reitera a antropóloga. Em menos de uma década, as montanhas do Norte da Amazônia, onde viviam cerca de 10 mil Yanomamis, se tornaram o palco de uma luta infernal. A floresta parecia um Vietnã e muitos assistiram impotentes (outros foram afastados por recomendações militares) à destruição fulminante dos meios de vida de um povo. "Não esperava, porém, dez anos depois da minha imersão numa cultura independente como a Sanumá, e quem diz Sanumá diz Yanomami, vir a ser testemunha de um dos piores exemplos de devastação cultural e étnica na história moderna do indigenismo no Brasil".

Alcida Rita Ramos nasceu em Portugal e aos sete anos veio morar no Brasil. Diz que sofreu na pele a discriminação de "ser diferente", pelo sotaque. As outras crianças não lhe davam tréguas. "Só há cerca de dez anos é que vim entender porque me tornei antropóloga, pelo fato de ser uma avis rara. Entrou para a Universidade Federal Fluminense para fazer Geografia, ainda vagamente interes-



Antonio Cunha 27.1.90

Nunca é demais falar da tragédia que os civilizados impuseram aos "índios", avançando sobre crianças, bichos, memórias...

sada em conhecer a Amazônia. Foi aí que se deu conta da Antropologia.

Collega de outro antropólogo hoje conhecido, Roberto da Matta, Alcida mergulhou nos "encantamentos sofridos da Antropologia". "Você se depara com a alteridade, com o estranhamento. E é preciso dar contor-

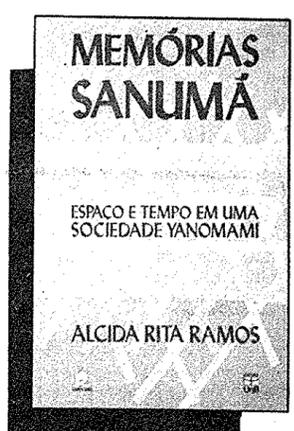
nos compreensíveis a esse choque, transformar essas descobertas em algo que você possa entender. Encaminhei-me para a etnografia indígena quase por um processo inconsciente".

A devastação, todos sabem, começou com o chamado "descobri-

mento". No século XVIII já havia populações indígenas extintas, mas até há três décadas ainda prevalecia o interesse exótico e alguns povos, como os Yanomami, mantinham-se preservados na mata. A questão tornou-se irreversível na década de 70. Alcida recorda-se que decidiu ir a campo quando leu um texto do alemão Her-

bert Baldus sobre seus primeiros contatos com os índios.

Sua primeira pesquisa foi com os Terena. Em 62, ela foi para a Universidade de Wisconsin, onde fez pós-graduação e doutoramento. Em 63, num curso de Linguística do Summer Institute conheceu uma missionária que lhe falou dos Yanomami e em



março de 68 ela já estava nas montanhas do Parima. Casada com o antropólogo Ken Taylor, desde o início ela, e outros, entre missionários e médicos, sentiram a urgente necessidade de demarcação das terras indígenas. "Pensávamos em alguma ação antes que chegassem as complicações e até hoje nada foi feito".

A última medida oficial, tomada pelos militares, foi lotear as terras Yanomami em 19 ilhas, correspondentes a 70% do território original. Um general que certamente nunca estudou os costumes, direitos e problemas desses índios, quando muito sobrevooou a selva, alegou que as "ilhas" tinham a intenção de evitar conflitos entre os próprios índios. Parece piada de botequim.

Com o projeto Calha Norte, em 87, todos os antropólogos foram proibidos de chegar na área. Detalhe: os médicos também foram proibidos, menos os militares e os garimpeiros. Em outubro do ano passado, a proibição foi suspensa, mas dois meses depois era novamente decretada. Estava em marcha a ostensiva Operação Selva Livre.

Hoje, a situação é esta que já atingiu as raízes do absurdo. Alcida Rita Ramos está retornando à aldeia. Não há mais proibição que detenha a sua "luta". "Há outras coisas maiores me exigindo essa decisão. Seria quase criminoso da minha parte. Agora mesmo soube que uma família de pessoas, amigos meus, morreu de malária".

No front Yanomami (a expressão é dela), os homens brancos avançam sobre crianças, bichos, espíritos de xamãs, sombras animais, ouro e memórias. Nunca é demais falar da tragédia que os civilizados impuseram aos "índios", seres humanos condenados ao infortúnio histórico. A terra, a língua, a mata, o corpo... a liberdade dos tempos imemoriais.

MEMÓRIAS SANUMÁ — Espaço e Tempo em uma Sociedade Yanomami. De Alcida Rita Ramos; 343 págs. Editora Marco Zero e Editora da UnB.

A soberania das crianças

Jornal de Brasília — Em termos genéricos, o que você aprendeu com os Yanomami, especialmente com o grupo Sanumá?

Alcida Rita Ramos — Aprendi, em primeiro lugar, um senso de humor muito especial, que é uma marca das mais óbvias entre eles. Essa capacidade de fazer pouco de situações sérias, de esvaziar pretensões. Se você tem um problema e acha que é muito sério, eles fazem ver que afinal não é tão sério assim. É uma capacidade de auto demissão. Uma outra coisa, e isso se estende a outras populações indígenas, é a maneira como eles tratam as crianças. Não há nenhuma possibilidade de se maltratar uma criança e se um pai perde a paciência os outros logo intervem. As crianças são meio soberanas na aldeia. Isso de brutalizá-las, como a gente, vê costumeiramente sendo denunciado na televisão, não existe. Eles têm também uma grande capacidade de direcionar o

mau humor ou a raiva. A difusão da nossa raiva passa pro mundo inteiro. Eles a direcionam, digamos, para um objeto e essa é uma capacidade extremamente valiosa.

— E qual é a reação diante das invasões e do extermínio das últimas décadas?

— É de desespero. Eles perderam muita gente, houve um esvaziamento dos recursos naturais. Os rios sujos de mercúrio, as roças soterradas. E os índios ficaram à mercê da comida das cantinas. Eles estão desanimados. Você sabe que, recentemente, várias pistas de pouso foram recuperadas e os garimpeiros continuam em ação.

— É uma tragédia que não aparece na TV.

— Talvez por não ter coragem de mostrar que o projeto do Collor de limpeza da área não está dando tão certo quanto ele achou que ia dar.

— Ao mesmo tempo, há outras tragédias pelos quatro cantos do País.

— Claro, como essa que traz a questão do suicídio dos índios Kayuá. Não estudei esse grupo, mas todos sabem que a situação econômica deles é hiper precária e eles estão assolados por várias seitas religiosas.



F. Gualberto

Alcida: raro trabalho em língua portuguesa sobre os Yanomami

— A opinião pública pensa da seguinte maneira: pra que tantas terras pra esses índios! É muita riqueza desperdiçada...

— Isso é muito insidioso, porque aquela riqueza tem limites. Os recursos renováveis que são da floresta não podem ser derrubados. O equilíbrio é muito precário, tem que haver a cobertura. Só os índios, e isso está historicamente provado, podem tirar alimentos da floresta sem deixá-la um deserto. Todas as populações regionais e nacionais que tentaram não conseguiram. O crescimento dessas populações e a migração são grandes. Os gaúchos cortam a mata para fazer a plantação, vem o deserto depois. Em termos de recursos minerais, também, não tem sentido, porque até agora esses recursos não fizeram nada para os cofres do País. Só melhoraram a situação de alguns empresários que fazem o contrabando do ouro. Disso tudo, só não sabe quem não quer. O custo social disso tudo é altíssimo.

— O que um livro como o seu pode representar diante de uma realidade alarmante como essa?

— O livro saiu neste momento por coincidência. No Brasil falta material em português sobre os Yanomami. Ao mes-

mo tempo, não há o grande livro Yanomami, são vários estudos, muitos ainda não traduzidos ou publicados. Cada uma dessas publicações revela algo sobre aquele povo que foi estudado. O livro que mais vende, pelo sensacionalismo nele contido, é o Yanomami — The Fierce People, do Chagnon. Ele capta os Yanomami como ferozes matadores. Esse livro é praticamente um instrumento de repressão dos índios. Faz um mal aos Yanomami como nenhum outro livro de Antropologia fez mal ao povo estudado. Existe uma literatura muito vasta, de várias ordens de densidade e profundidade. Não podemos generalizar. Eu espero que o meu livro seja a inspiração para outros antropólogos divulgarem suas pesquisas. Ao mesmo tempo que o livro possa educar os brancos, os não-índios, sobre a sofisticação que a gente percebe quando estuda uma sociedade como os Sanumá.

— E qual é o seu próximo projeto de pesquisa?

— Pretendo agora entrar na conceitualização deles sobre a saúde. Como percebem o corpo humano, como tratam das doenças, tentando inclusive dar informações bem fundamentadas aos médicos que vão trabalhar com eles.